

RECURSOS HUMANOS



A DIALÉTICA DO PRAZER E SOFRIMENTO DE ACADÊMICOS: UM ESTUDO COM MESTRANDOS EM ADMINISTRAÇÃO

THE DIALECTIC OF PLEASURE AND SUFFERING OF SCHOLARS: A STUDY WITH
MASTER STUDENTS IN ADMINISTRATION

ANA CAROLINA KRUTA DE ARAÚJO
BISPO
Universidade Federal da Paraíba

DIOGO HENRIQUE HELAL
Universidade Federal da Paraíba

Data de submissão: 13 jul. 2013. **Data de aprovação:**
27 set. 2013. **Sistema de avaliação:** Double blind review.
Universidade FUMEC / FACE. Prof. Dr. Henrique Cordeiro
Martins. Prof. Dr. Cid Gonçalves Filho. Prof. Dr. Luiz Claudio
Vieira de Oliveira

RESUMO

Este estudo objetiva a apropriação de conceitos da Psicodinâmica Dejouriana para entender o processo de prazer e sofrimento de mestrandos em Administração de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) localizada em João Pessoa, na Paraíba. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista. Após análise, foi possível emitir conclusões nesses termos: apesar da coexistência de prazer e sofrimento na atividade desenvolvida, percebeu-se que a exigência de qualidade e quantidade das atividades conflita com o tempo que possuem para desenvolvê-las, fazendo com que se sintam pressionados e até castigados, o que pode terminar por afetar o funcionamento psíquico.

PALAVRAS-CHAVE:

Prazer. Sofrimento. Discentes. Psicodinâmica. Dialética.

ABSTRACT

This study aims at the appropriation of concepts of Dejourian Psychodynamics to understand the process of pleasure and suffering of master students of Administration from a Federal Higher Education Institution (FHEI) located in João Pessoa in Paraíba. An interview was used as an instrument of data collection. After the analysis it was possible to provide conclusions in these terms: in spite of the coexistence of pleasure and suffering in the developed activity, it was noticed that the demands for quality and quantity of activities conflict with the time they have to develop them, making them feel pressured and even punished, which could end up affecting the psychic functioning.

KEYWORDS:

Pleasure. Suffering. Students. Psychodynamic. Dialectic.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, buscar-se-á a apropriação de conceitos da Psicodinâmica Dejouriana para entender o processo de prazer e sofrimento a partir da percepção de mestrandos de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) localizada em João Pessoa, na Paraíba. A Psicodinâmica enfatiza o trabalho e sua preocupação é inerente ao prazer e ao sofrimento vivido por trabalhadores em decorrência da organização de seu trabalho. Considera-se, assim, para este estudo, a atividade intelectual desenvolvida pelos discentes como sinônimo de trabalho.

Cumpre destacar que o trabalho não é o único elemento em torno do qual se organiza o drama humano (AMADO; ENRIQUEZ, 2011). Muitos autores, contudo, o consideram como central da vida (BORGES, 1997; MORIN, 2001; ANTUNES, 2011).

Sznelwar, Uchida e Lancman (2011) consideram que a Psicodinâmica do Trabalho não pode ser resumida a uma tentativa de

entender o trabalhar dos sujeitos, numa busca de aprofundar o conhecimento somente sobre esse aspecto. A proposta da psicodinâmica não se resume a um estudo sobre o trabalhar, mas à constituição de um processo de ação, em que aqueles que atuam por meio dela agem como facilitadores que se propõem a uma escuta arriscada, a um papel de sistematizar ideias construídas em grupos de expressão.

De acordo com Dejours (2012b), não é possível realizar uma pesquisa com essa temática sem penetrar no campo da vivência subjetiva, do sofrimento e do prazer no trabalho. Segundo o autor, esse é um espaço bem guardado pelas defesas, que não se abrem facilmente ao olhar dos colegas e, posteriormente, àquele do estranho. Assim, para a coleta dos dados da pesquisa, fez-se uso de entrevistas individuais e semiestruturadas, a fim de compreender a subjetividade da relação dos discentes de um curso de mestrado acadêmico e sua tarefa, ou seja, aquela exigida pelo próprio curso para sua formação.

Sentidos do trabalho

De acordo com Dejours (2005a, p.11, *apud* SZNELWAR; UCHIDA; LANCMAN, 2011), “trabalho é a atividade manifestada por homens e mulheres para realizar o que ainda não está prescrito pela organização do trabalho”. O trabalho é entendido como *locus* do estabelecimento de relações em que as dimensões cognitivas e afetivas do sujeito são postas à prova, desenvolvidas e intensamente vivenciadas nas múltiplas experiências que o contexto laboral proporciona. Na esfera da intersubjetividade produzida pelo trabalho, vivências e aprendizagens incorporam-se à dimensão identitária dos sujeitos em interação, de tal modo que formas de trabalhar, pautadas na cooperação e solidariedade, possam ter um impacto significativo sobre a identidade dos trabalhadores associados (VERONESE; ESTEVES, 2009, p. 219-220).

Para Bouyer (2010), a questão da identidade é fundamental, pois constitui uma armadura da saúde mental. Não há crise psicopatológica que não esteja centrada numa crise de identidade. O trabalho tem, ainda, uma função psíquica, sendo este um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Segundo Bouyer (2010, p. 253), quando esses processos encontram-se impedidos ou dificultados, abre-se espaço para o sofrimento e, talvez, posteriormente, para as descompensações psicopatológicas. Isso permite compreender a gênese dos danos à estrutura psíquica dos trabalhadores pela organização do trabalho em suas novas facetas no mundo contemporâneo.

Segundo Chanlat (2011), os sobressaltos identitários são engendrados pelas transformações pelas quais passam nossas sociedades, o trabalho e nossas organizações.

Afirma o autor que, de certa forma, essas transformações estão estreitamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo.

Sobre a participação central do trabalho na conformação da identidade, há muito se sabe que as vivências compartilhadas entre os trabalhadores abrangem dimensões cognitivas, afetivas e políticas. Essas dimensões possibilitam que os trabalhadores construam representações de si diretamente ligadas às situações e relações de trabalho, que são também atributos definidores de um “eu” (JACQUES, 2002, *apud* VERONESE; ESTEVES, 2009, p. 221).

Psicodinâmica do trabalho

Bouyer (2010) aponta que algo interessante vem ocorrendo na compreensão atual sobre as patologias relacionadas ao trabalho: um deslocamento epistemológico rumo aos aspectos nem tanto concretos, nem tanto materiais do trabalho e assim, mais próximo da vivência subjetiva dos que trabalham, ou seja, da intersubjetividade do trabalhador. Para Dejours (2012b, p. 62) “a especificidade da psicopatologia do trabalho coloca em perspectiva e se apoia sobre dois polos: as relações sociais do trabalho e a vivência subjetiva de prazer e de sofrimento no trabalho”.

A ampliação do conceito permitiu o deslocamento da análise das doenças mentais para a análise das estratégias individuais e coletivas dos trabalhadores contra o sofrimento e doenças mentais decorrentes da sua atividade laboral (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2011).

Para Dejours (2012a), um trabalho monótono e repetitivo tende a fechar as vias de descarga psíquica, fazendo com que a energia se acumule, tornando o trabalho fonte de tensão e desprazer. Na contrapartida, quando

um trabalho é livremente organizado, as vias de descarga são mais adaptáveis e o trabalho tende a trazer relaxamento a um tal ponto que, quando concluída a tarefa, o trabalhador se sinta melhor que antes. Dejours cita os artistas, os pesquisadores e cirurgiões, quando estão satisfeitos com seu trabalho. Esse é o trabalho equilibrante. Dessa forma, resume Dejours (2012a, p. 28): “a carga psíquica de trabalho aumenta quando a liberdade de organização do trabalho diminui”.

Por outro lado, Dejours (2012a, p. 31) considera que “um trabalho intelectual pode se revelar mais patogênico que um trabalho manual”. Assim, para o autor, não existe uma única organização do trabalho que seria a solução para diminuir a carga psíquica de todos os trabalhadores. Para Dal Rosso (2006), se a intensificação do trabalho material atinge o físico do trabalhador, a intensificação nas atividades imateriais conduz a problemas de saúde centrados mais em espaços cognitivos, emotivos, relacionais e sociais do trabalhador e do grupo a que pertence.

Para a Psicodinâmica do Trabalho, há dois elementos centrais na relação entre a pessoa e seu trabalho: a visibilidade e o reconhecimento (DEJOURS, 1998, *apud* CHANLAT, 2011). Para Chanlat (2011), o reconhecimento está no coração da dinâmica humana do trabalho. De acordo com a psicodinâmica do trabalho, o reconhecimento passa por dois tipos de julgamento: o julgamento da beleza, que é aquele dos pares, e o julgamento de utilidade, aquele dos resultados, da hierarquia e que geralmente é considerado o mais importante.

No entanto, nem sempre esses aspectos são levados em consideração. Destacamos, assim, o conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico, e as estratégias defensivas resultantes deste en-

frentamento (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2012). Estas, de acordo com Viana e Machado (2011), referem-se às reações do trabalhador para lidar de forma equilibrante com as questões postas pelo trabalho.

Segundo Dejours e Abdoucheli (2012), as estratégias defensivas são construídas, organizadas e gerenciadas coletivamente. Cabe destacar as diferenças entre um mecanismo de defesa individual e uma estratégia coletiva de defesa. O mecanismo de defesa individual está interiorizado; ele persiste mesmo sem a presença física de outros. Já a estratégia coletiva de defesa se sustenta apenas por consenso, dependendo de condições externas, ou seja, só funciona a partir do momento que há acordo partilhado entre os membros do grupo.

Na luta contra a doença mental e o alívio do sofrimento, o uso dos mecanismos de defesa individual e sua importância merecem ser consideradas. No entanto, cumpre lembrar que o uso desse tipo de defesa pode levar ao surgimento de doenças do corpo em resposta às pressões organizacionais. Constatou-se, assim, que as consequências de se vivenciar pressões psíquicas não se limitam à saúde mental, mas podem pôr em causa também a saúde física (DEJOURS, 2007).

Não havendo a comunhão na intersubjetividade, no diálogo, estão vedadas as possibilidades de amenizar e de enfrentar o sofrimento de forma coletiva, com o apoio do grupo para a criação de estratégias coletivas de defesa. O sofrimento é, assim, vivenciado na solidão, no interior do mundo singular de cada um. Nesses casos, o trabalho pode se tornar fonte de alienação e sofrimento, ao falhar em sua função de operador do simbólico.

Sem uma mobilização da dinâmica intersubjetiva, não há solução terapêutica: a solução “terapêutica” consiste aqui em estimular

a dinâmica intersubjetiva de transformação da organização do trabalho. É a contribuição para esse processo de transformação que permite aos sujeitos conjurar o sofrimento. Conjurar, transformar em sentido, em inteligibilidade e em ação não significa que se anula o sofrimento. Trata-se da possibilidade de transformá-lo em sentido e em prazer (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, *apud* BOUYER, 2010, p. 255).

Prazer e sofrimento

Em todo ator social há uma pessoa que tem desejos, sonhos e ambições. Ser tratado como um objeto é algo indesejável para qualquer pessoa, pois esse comportamento é baseado, em grande medida, numa negação da subjetividade (CHANLAT, 2011).

Todo laço social no trabalho mobiliza uma carga afetiva, que pode ser mais ou menos forte, segundo o tipo de emprego e as situações concretas de trabalho. Dessa forma, considera-se que “a carga afetiva está no centro das relações de trabalho” (CHANLAT, 2011, p. 114). Com isso, são os gestores que, por suas decisões e seus comportamentos, são considerados elementos-chave na produção do prazer ou do sofrimento no trabalho (CHANLAT, 2011). Para este estudo, os professores podem ser visualizados como gestores responsáveis, a partir de suas decisões e seus comportamentos, por produzir prazer ou sofrimento nos seus alunos.

Dejours (2007, p. 153) considera que as pressões do trabalho, que põem particularmente em causa o equilíbrio psíquico e a saúde mental, derivam da organização do trabalho. Por organização do trabalho se entende, por um lado, a divisão das tarefas, que atinge diretamente a questão do interesse e do tédio no trabalho; de outra

parte, a divisão dos homens, que atinge as relações que os trabalhadores estabelecem entre si no local de trabalho.

Neste sentido, cabe introduzir a questão da dialética sofrimento-prazer associada ao trabalho, elemento central para a Psicodinâmica. Segundo Dejours (2007), na luta contra o sofrimento, o sujeito chega a elaborar soluções originais que, muitas vezes são favoráveis à produção e a saúde. Esse sofrimento é utilizado para enfrentar os problemas e os imprevistos e pode ser denominado de sofrimento criativo. De outra parte, nessa mesma luta contra o sofrimento, o sujeito pode chegar a soluções desfavoráveis à produção e à saúde. Trata-se do sofrimento patogênico.

Falar em sofrimento, criativo e patogênico, não significa que existam dois tipos de sofrimento, mas que, na realidade, esses termos designam dois destinos diferentes do sofrimento: “o destino do sofrimento criativo é o de se transformar em prazer e em experiência estruturante. O destino do sofrimento patogênico é a doença que surge quando as defesas não cumprem mais sua função defensiva” (MOLINIER, 2006, p. 60, *apud* SZNELWAR; UCHIDA; LANCMAN, 2011, p. 15).

O sentido de prazer no trabalho emerge quando: “o trabalho cria identidade. Possibilita aprender sobre um fazer específico, criar, inovar e desenvolver novas formas para a execução da tarefa, bem como são oferecidas condições de interagir com os outros, de socialização e transformação do trabalho” (MENDES, 2007, p. 51). Em outro extremo, sabe-se que a dimensão física e material do trabalho consome as energias do corpo do trabalhador, produzindo cansaço físico, acidentes e doenças do trabalho.

Dal Rosso (2006) considera que a transição do paradigma da materialidade para o

da imaterialidade é acompanhada por diversas consequências. Estas ocorrem, tendo em vista, que o trabalho imaterial não está mais limitado a horários específicos em uma determinada localização, uma vez que as novas tecnologias de informação e comunicação tornam possível o trabalhador ser produtivo tanto fora do escritório, da sala de aula ou da própria universidade como no interior destes. Tem-se, assim, uma quebra de “limites” tanto de tempo quanto de espaço (TOWERS; DUXBURY; HIGGINS *et al*, 2006). Assim, enquanto “a intensificação do trabalho material atinge o físico do trabalhador, a intensificação nas atividades imateriais conduz a problemas de saúde centrados mais em espaços cognitivos, emotivos, relacionais e sociais da pessoa do trabalhador e do grupo a que pertence” (DAL ROSSO, 2005, p. 65).

É este tipo de atividade imaterial que esta pesquisa busca investigar, tendo em vista que a atividade de estudar, pesquisar e produzir artigos é um tipo de atividade imaterial que não tem fronteiras de tempo e espaço para ocorrerem.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em um Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Administração, localizado na cidade de João Pessoa, Paraíba. Participaram deste estudo cinco estudantes do programa em nível de mestrado acadêmico, todos eles cursando o segundo ano. Os sujeitos foram selecionados por acessibilidade. A priori, não foi definido o número de alunos a serem entrevistados, pois se decidiu realizar a coleta até o momento em que houvesse convergências suficientes para configurar o fenômeno estudado. Nesta pesquisa, a saturação dos dados foi alcançada com cinco entrevistas.

Como instrumento de coleta de dados,

foi utilizada a técnica de entrevista individual semiestruturada. Os temas abordados foram: a forma como os alunos enxergam o curso, as dificuldades enfrentadas durante o primeiro ano do curso, os sentimentos (prazer e sofrimento) relacionados ao curso e as estratégias utilizadas para lidar com eles.

Os dados foram coletados entre os meses de junho e julho de 2013. Os discentes foram contatados por e-mail e, quando do aceite, eram agendados dia e horário para a entrevista. As entrevistas foram aplicadas pelos pesquisadores, com duração média de 40 minutos, sendo conduzidas de forma aberta, permitindo-se que os participantes expressassem livremente suas opiniões sobre os temas propostos.

Após a transcrição na íntegra das cinco entrevistas realizadas, foi feita a codificação dos discursos. Para Gibbs (2009), as categorias se definem por meio da relação entre os conceitos e as experiências relatadas pelos entrevistados. Em seguida, as categorias foram agrupadas em temas. A partir de então, foi realizada a análise interpretativa dos discursos.

Análise dos dados

Foram entrevistados cinco discentes de um curso de mestrado acadêmico, sendo quatro do sexo masculino e um do sexo feminino. Todos eles alunos do segundo ano do curso. No momento da entrevista, eles estavam entre o 15º e o 16º mês de curso, e apenas um deles havia qualificado seu projeto de dissertação. A idade variava entre 24 e 28 anos. Dos entrevistados, quatro haviam concluído o curso de graduação em Administração na mesma instituição em que fazem o curso de mestrado e um deles havia concluído também o curso de administração, porém, em outra instituição

pública federal na mesma cidade. Dois entrevistados possuíam outro curso superior, realizado simultaneamente com a graduação em Administração.

Três entrevistados concluíram o curso de Administração no ano de 2010, e dois deles no ano de 2011. Dos três que concluíram em 2010, apenas um havia participado de uma seleção anterior para o mestrado, sem obter êxito. Os três, que concluíram a graduação em 2010, passaram o ano de 2011 empregados formalmente em empresas privadas de ramos diversos. Três deles foram bolsistas do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

Os entrevistados relataram os motivos de terem decidido fazer um curso de mestrado acadêmico. Percebe-se na fala destes que há uma expectativa de melhoria das condições de vida. Eles enxergam na carreira docente melhores oportunidades do que os empregos ofertados nas empresas privadas da cidade.

Aí pra não ficar parada [relatando o fim da graduação] e também não tinha experiência de mercado, resolvi e tive oportunidade de começar a trabalhar. [...] eu trabalhava na parte administrativa. Só que com o passar do tempo eu fui vendo que [...] eu não ia crescer mais do que aquilo mesmo e eu fui vendo que não ia ter futuro mesmo. [MS1]

Outros afirmam terem optado pelo mestrado a partir das experiências vividas na graduação e fora dela:

Pela experiência de vida que eu já tive, é eu já dei aula de reforço de física, eu já dei aula de reforço de inglês, eu tenho um contato muito forte com a prática da docência, entendeu? Já fui monitor na universidade. [...] [MS2].

[...] a gente tinha que ir atrás de uma

empresa [relatando experiência da graduação], a gente abriu muito a cabeça pra essa visão de consultor e de pesquisador. [MS5]

Os motivos de terem escolhido o mesmo programa de pós-graduação da universidade na qual fizeram a graduação, ou ainda da mesma cidade em que residem, foram expostos pelos entrevistados e dizem respeito, principalmente, à proximidade com a família remetendo a questões financeiras e afetivas.

[...] pra eu sair daqui de João Pessoa era muito complicado financeiramente falando, entendeu? [MS1]

[...] na verdade a minha intenção era fazer em Recife, mas, aí eu pensei assim, aqui em João Pessoa todos os professores que eram da pós-graduação eu não tive contato com nenhum deles na graduação, [...] e minha casa fica a cinco minutos aqui da universidade, aí tem a questão da família também que me fez pesar, a questão da namorada, questões familiares mesmo e a questão de conhecer os professores daqui que eram tops [...] porque lá em Recife eu não conhecia ninguém, não tenho família lá, apesar de ser perto, [...] tem toda a questão de custo também. [MS2]

Quando questionados sobre a vida de estudantes de mestrado, especialmente quando do ingresso no curso, os alunos relatam o que Dejours (2012a, p. 28) afirma: “a carga psíquica de trabalho aumenta quando a liberdade de organização do trabalho diminui”.

Ahhh [suspiro], primeiro eu me senti ótima, né? A gente se sente ótima, fui aprovada, tão inteligente, ai meu Deus, a gente é tudo. Só que quando começa as disciplinas, aquela coisa sufocante, ééé

estressante [...] Graças a Deus eu sou organizada, eu consegui dar conta, tudo dentro do prazo, tudo direitinho, mas, foi difícil, muito difícil. [MS1]

[...] a gente acaba sendo impactado pela visão de alguns professores que a gente acha que são severos demais, cobram muito, mas também se não fosse essa cobrança, talvez a gente não conseguisse chegar a determinado patamar no mestrado. [MS5]

Ainda em relação à organização do trabalho, os alunos relembram a mudança de contexto na passagem da graduação para a pós-graduação. Um dos entrevistados demonstra um sentimento de raiva. De forma contrária, pelos mesmos motivos, outro entrevistado demonstra sentimentos de prazer. Os relatos apresentados devem ser uma preocupação para o curso de graduação, pois, pelas falas, parece que o nível está aquém da capacidade dos estudantes.

A carga é muito excessiva [...] e assim de certa forma a gente se decepcionou no primeiro momento porque a gente não teve essa abordagem na graduação, [...] que nos fizesse compreender a amplitude, a gama de autores, a gama de teorias relacionadas à administração, que a gente tem essa aproximação na pós e porque a gente não vê isso na graduação? [MS2]

O nível sobe muito em relação ao da graduação. Muito mais focado, muito mais denso em termos de quantidade de leitura [...] O professor cobra muito. [...] Tudo fica muito mais intenso no mestrado do que na graduação. E tudo é visto de forma diferenciada. Até a forma como se é visto pelo professor do mestrado. Dá um seminário de quatro horas, tu tem que dizer um conteúdo, ir além das leituras, dizer experiên-

cias tuas, se tu tens, trazer cases de fora pra incrementar a discussão [MS4]

Os discentes falam da importância do mestrado em suas vidas e, apesar da pressão e da carga excessiva apontada pelos entrevistados, eles conseguem superar as dificuldades e seguir em frente, possivelmente em função da liberdade que o trabalho intelectual possui, especialmente se comparado a um trabalho manual, já que a liberdade é considerada “como condição necessária à estabilidade psicossomática” (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 16).

Então esse peso dele trás consequências boas também que é essa visão mais crítica, essa nova forma de enxergar a realidade, a vida em si porque você passa a conhecer a teoria e passa a ver como cientista e assim, você tem uma visão mais crítica mesmo. [MS2]

Talvez eu não consiga descrever [...], mas existe uma transformação profunda na pessoa em relação a organização, principalmente disciplina, assumir horários. Talvez eu não viria a ser o que sou hoje se eu não tivesse entrado no mestrado. [MS5]

Por outro lado, os alunos acreditam que a forma de organização do trabalho poderia ser diferente.

[...] Eu achava e ainda acho que não precisa ser dessa forma, entendeu? A gente tem de primar pela racionalidade do tempo, do aporte teórico que o professor tá querendo passar pra ver se é viável ou não porque você sobrecarrega o aluno e o aluno às vezes fica triste porque tem alguns momentos que ele não consegue dar tudo de si ali, simplesmente tem alguns momentos que não é viável, tá além da capacidade cognitiva, não da capacidade cognitiva, mas, da capacidade de tempo. [MS2]

Sabe-se que, no que se refere aos trabalhos manuais, a aceleração do ritmo de trabalho afeta as relações sociais e familiares. Dejours (2012a, p. 31), contudo, considera que “um trabalho intelectual pode se revelar mais patogênico que um trabalho manual”. Tal questão pode ser observada nas falas dos mestrados sobre as relações com a família e os amigos. Uma fala recorrente é que “só quem vive é que entende”.

[...] não é todo mundo que entende, só quem entende a gente é quem passou ou que tá passando junto com a gente, até mesmo em casa é difícil porque você estudar dia de domingo, [...] que todo mundo quer fazer uma coisa diferente e você pedindo silêncio, por exemplo, é muito complicado [...] amigos de fora do mestrado que eu acho que é porque não sabem como é então jogam pedra mesmo. Não tiveram a vivência. [MS1]

Neste mesmo sentido, outro aluno relata:

[...] a família não compreende essa dinâmica, rapaz, até falando assim você vai ficar louco, literalmente louco. Um paciente de psiquiatra. [...] cuidado, cuidado com isso, você vai ficar doido. [MS2]

Em relação à realização profissional com o mestrado, os entrevistados apresentaram o prazer relacionado ao orgulho daquilo que acreditam já terem conquistado durante o curso. Para Dejours (1992), a realização com a profissão tende a reduzir o sofrimento.

O que eu aprendi no mestrado, [...], o que eu aprendi em quatro anos não chega nem perto do que eu aprendi em um ano de disciplina. Eu não sei como é que consegue ser tão diferente. [...] eu não tinha tanta segurança quanto eu tenho hoje, saber que eu posso realizar algumas atividades que antes eu achava que era im-

possível por questões de timidez. [MS1]
[...] o mestrado dá uma visão crítica muito mais forte e lhe dá um conhecimento muito maior do que você teve na graduação e que você teve em alguma outra fase. [...] O aluno do mestrado quando sai do primeiro ano ele com certeza tem uma visão diferente do que quando ele entrou no mestrado. [MS2]

Eu acho que a principal diferença é a disciplina. Eu programar os estudos, me focar em alguma coisa, capacidade de pesquisar também, [...] Isso me ajudou muito. [MS5]

Os mestrados ainda relataram sobre suas expectativas para o futuro. Elas dizem respeito, principalmente, à autonomia financeira e à emancipação da família, mostrando que o prazer advindo da atividade discente também diz respeito a essas expectativas. Segundo resultados de pesquisa realizada por Morin, Tonelli e Pliopas (2007) com jovens administradores da cidade de São Paulo, identificou-se que um trabalho tem sentido quando “o dinheiro ganho como fruto do trabalho é associado à perspectiva de autonomia e independência do trabalhador”. Os autores ainda colocaram que essa autonomia pode estar presente ou ser projetada para o futuro, conforme podemos observar nas falas a seguir:

Uma coisa que me fazia seguir em frente é... são os sonhos pessoais mesmo, eu tenho que terminar isso, vai ser bom para mim, para minha carreira, vai ser bom para eu ter maiores oportunidades no futuro e eu conseguir me emancipar definitivamente, deixar de morar na casa de minha mãe, foi motivação pessoal de querer realmente mudar o meu futuro, isso foi o principal, a principal coisa que me motivava, [...]. [MS2]

[...] eu prefiro ter um pouco de independência em relação aos meus pais porque eu sei que hoje eu acabo dependendo muito deles e isso atrapalha no meu próprio processo de aprendizagem [...] essas coisas me levam a pensar num doutorado fora e talvez mesmo se eu não passar em nenhum, eu acho que vou morar em outra cidade [...] por isso mesmo porque sei que é um sofrimento que vai contribuir com a minha vida que eu vou sofrer um pouco por um curto período de tempo, mas que num futuro isso vai me dar [...] maior autonomia [MS3]

Outra categoria que emergiu a partir da interpretação das entrevistas foram as relações que se formam entre os participantes de um mesmo grupo. Esta categoria é relevante, uma vez que a construção da identidade individual é pautada nas relações cotidianas, a partir, especialmente, das trocas materiais e afetivas (BOUYER, 2010). Assim, o bom relacionamento com os pares é fundamental para a saúde psíquica dos indivíduos, dando sentido ao que fazem e gerando prazer, o que pode ser observado nas falas de MS1 e MS4.

[...] minha turma do mestrado muito boa, todo mundo muito compreensivo, ninguém criticava ninguém, até porque tava todo mundo no mesmo barco [...]
[MS1]

[...] nunca vi uma turma tão unida quanto a turma de métodos quantitativos. [...] turma é muito tranquila [...]. Não teve concorrência entre a gente.

[MS4]

O relacionamento com os pares também ultrapassa a convivência da sala de aula, conforme pode ser verificado na fala de MS3, o que contribui para o sentido do trabalho, de acordo com Morin (2001),

para quem um trabalho, para ter sentido, deve ser fonte de experiências de relações humanas satisfatórias,

Você acaba saindo muito com as pessoas do mestrado porque os tempos acabam batendo, como o mestrado obedece a um calendário que é diferente do da maioria das pessoas, ele acaba limitando você. Aí você não sai no fim de semana, não sai no fim de semana, aí no único fim de semana que você pode sair, os teus amigos de fora do mestrado não podem, mas os do mestrado podem aí acaba saindo com eles. Mas esses momentos também são bons, ne? Tem muito dessa confraternização, dessa alegria de ficar com teus amigos do mestrado porque você sabe que vai poder encontrar lá na frente [MS3]

No entanto, cumpre lembrar que a carga afetiva, elemento central nas relações de trabalho (CHANLAT, 2011), também envolve elementos negativos, conforme relato de um dos entrevistados:

[...] teve um momento também que eu tive muita raiva. Foi nesses trabalhos em grupo, apesar de compreender muito o lado da pessoa, das dificuldades que ela tinha, ela me colocou muitos empecilhos e eu vi que ela não tinha tanto compromisso com a pesquisa. [...] O que eu sentia tinha que controlar essa minha dificuldade que eu tinha com ela e de que perderia a nossa relação como colegas de curso por causa de uma pesquisa. [MS3]

Sentimentos como medo e ansiedade, que levam o indivíduo ao sofrimento, foram também destacados pelos entrevistados quando eles lembravam o primeiro ano de curso. Para Bouyer (2010), o trabalho possui uma função psíquica e é um dos

grandes alicerces na constituição do sujeito e de sua rede de significados. Quando estes processos encontram-se impedidos ou dificultados, o sofrimento tende a aparecer e, inclusive, a levar a descompensações psicossomáticas. As falas dos entrevistados revelam isso.

O primeiro ano é... Meu Deus! O primeiro ano é desumano, mas, é aquilo que eu disse, eu mantive o equilíbrio que muita gente que tava comigo naquele momento não manteve esse equilíbrio. [MS1]

[...] se eu quisesse descrever o mestrado em uma palavra seria “peso”. Assim, é um peso muito forte. É um peso que altera sua rotina de vida. É um peso que muitas vezes você sai com sequelas dele, principalmente com sequelas de saúde, [...] então é por aí, é um peso, é um peso muito forte. [MS2]

Ansiedade, muita ansiedade. Não sabia se eu ia conseguir fazer o que é exigido, o que estava programado, se eu ia conseguir fazer as provas, artigos [...]. [MS5]

Para Freitas (2006, *apud* CUPERTINO; GARCIA, 2012), há resignificação do sofrimento quando o trabalhador é obrigado a aceitar os elementos que não são positivos na realidade do trabalho, principalmente quando estão diante das possibilidades do desemprego. No caso dos discentes da pós-graduação entrevistados, todos bolsistas da Capes ou CNPq, isso parece se confirmar quando eles declaram que querem corresponder ao que os professores e o próprio programa esperam deles, apesar da pressão a que sentem ser submetidos.

[...] é uma pressão tão grande, é uma vontade de corresponder tão grande que por mais que você faça você acha que faltou. [...] determinadas disciplinas eram assim, [...] era pra arrancar a ca-

beça e jogar no lixo porque parecia que nada que a gente fazia tava bom, [...] os professores podendo amenizar ...mais eles castigam, a verdade é essa parecia um castigo. [MS1]

[...] sentimento foi de tristeza por eu não estar compreendendo, por eu não, não, não tá facilmente lidando com o material, com a carga de leitura, com o nível de leitura também, assim você ter de ler trocentas coisas [...], a pressão do primeiro ano do mestrado ela se assemelha ou é muito mais forte do que pressão de treinees [MS2]

As situações que os alunos põem em pauta apresentam sentimentos como medo e ansiedade, além da angústia em realizar as atividades exigidas pelo curso, e colocam a própria formação em questão. No que diz respeito à pós-graduação no Brasil, o sistema de avaliação é centrado no produtivismo, fazendo com que os professores sejam forçados a focar mais na quantidade (textos, seminários, artigos produzidos e publicados) do que na qualidade (análise, reflexão e crítica), levando ao distanciamento do propósito pedagógico de formação acadêmica. Conforme Gradella Júnior (2010),

antes de ser mera função informativa e comunicativa, o compromisso educativo ou a atividade fim da universidade é a formação, não só dos sujeitos humanos, mas também a dos profissionais que estarão em relação de trabalho na sociedade em geral. Mais especificamente, um moto contínuo que estará formando profissionais na função de educadores e pesquisadores [...]

Assim, as falas revelam momentos de sofrimento que, se não transformados, poderiam se tornar patogênicos.

Então quando eu terminei de falar, e eu

estava nervosa porque eu não conseguia respirar e falar, tipo assim, ficava atrapalhando sabe? [...] Eu não conseguia equilibrar a respiração com a fala. Também tem aquela parte assim de angústia de você tá só estudando ninguém lhe entende, o povo lhe critica bastante [...] Não chorei em nenhum momento. Quis chorar, mas, não chorei. Quis me desesperar, mas, eu consegui segurar a emoção, mas, se a pessoa não tiver equilíbrio, acaba que enlouquece. [MS1]

Outro sentimento indicativo do sofrimento é ausência de valorização e reconhecimento, ressaltada pelos entrevistados, conforme se verifica nas falas de MS1 e MS2.

[...] o que me chateia mais assim, o sentimento nessa jornada é justamente a incompreensão das pessoas [...] deixei várias vezes de sair pra poder, já que eu não estudo de noite mesmo que eu não consigo, eu tenho que focar no dia, durante o dia então muitas vezes os amigos chamavam e eu dizia – hoje eu não posso – eu nem dizia mais, chegou um ponto de eu nem dizer mais que era por causa do mestrado porque eu já estava sendo taxada como a doida, a chata, a besta. [...] as pessoas não entendem e julgam você [MS1]

[...] eu me julgo uma pessoa inteligente na medida em que tenho facilidade em compreender assuntos, mas, eu vi que aqui no mestrado vi que isso é ficha pequena, então assim, eu me senti, a disciplina supera o talento, então é isso, foi isso. [MS2]

O sofrimento, para Dejours (2012b), é o espaço de luta que cobre o campo situado entre o “bem estar”, de um lado, e a doença mental ou a loucura, de outro. Assim, a psicodinâmica do trabalho busca a transfor-

mação do sofrimento e não sua eliminação. Dejours chama o sofrimento, que se opõe ao patogênico, de sofrimento criativo.

O sofrimento tem que ser alguma coisa que me leve a crescer e não a ficar enterrado no próprio sofrimento [...]. [MS3]

Então os primeiros cinco meses, seis meses foi muito intenso. Foi muito intenso assim, porque pra mim o relaxamento era a saída, é um hobby, faz parte, mas ao mesmo tempo eu tava gostando daquela coisa. [MS4]

A psicodinâmica do trabalho se preocupa em compreender o sofrimento gerado no trabalho e o gerenciamento do mesmo bem como a utilização de estratégias na constante busca do prazer (DEJOURS, 1992). Assim, percebe-se, por meio dos discursos dos entrevistados que, apesar dos sentimentos de sofrimento relatados, o equilíbrio é sempre buscado, e eles relatam momentos de prazer vividos durante o curso. Estes remetem às relações sociais com os colegas, além do *feedback* dado por professores e o sentimento de estar fazendo o melhor.

[...] o sentimento que tenho é de realização pessoal porque o que eu tinha em mente, foi até mais... Aumentou o sentimento de realização pessoal. Hoje tá o resultado e esse sentimento assim positivo. [...] Eu acho que só pela discussão, pesquisa, disciplina. Sabe, talvez precise de algo mais, mas essas oportunidades que eu tive, agora no final, já passando o período inicial que é de um ano, de dar uns cursos, [...]. [MS4]

Os momentos de prazer eram os momentos que a turma estava junta, confraternizando. Na maioria dos seminários a gente fazia um coffee break, a

gente saiu algumas vezes. São os principais momentos de prazer. Às vezes a apresentação de algum trabalho que você gostou muito do tema. Um artigo que você gosta do tema, que você gosta de trabalhar você sente prazer. Até mesmo aula que você se interessa mais é sempre bom. [...] as amizades que fiz no curso, sensação de tá evoluindo muito no curso. [MS5]

De acordo com Dejours e Abdoucheli (2012), as estratégias defensivas, que são necessárias para a continuação do trabalho e adaptação às pressões para evitar a loucura, ainda contribuem para estabilizar a relação subjetiva com a organização do trabalho.

Os entrevistados relataram as estratégias individuais e coletivas que utilizam para o enfrentamento do sofrimento. Quanto às estratégias individuais, a mais prevalente foi a organização sistemática das atividades a serem realizadas, além da própria carga de estudo.

Eu fazia o seguinte, eu administrava por metas mesmo, por exemplo, se eu tinha uma carga de leitura “x” eu via o quanto ou se eu tinha três artigos de uma disciplina eu pegava o artigo e via o conteúdo dele pelo resumo, se esse artigo fosse muito complicado eu separava tipo uma manhã inteira e uma parte da tarde para ler. [MS2]

Eu tinha uma agenda, eu botava, na segunda feira, o que eu tinha que fazer durante a semana. Pra poder sair no final de semana. E várias vezes eu consegui. Não conseguia quando tinha prova, prova de estatística, quando tinha artigo pra entregar no final da disciplina, aí não tinha como não. Mas tentava por o máximo por meta [...]. [MS4]

Outro entrevistado apontou o bom humor como mecanismo de defesa.

Mas sempre que eu encontrava com algum problema mais complicado eu tentava fazer uma piada porque eu tinha que rir da situação. Se eu não risse eu ia ficar alimentando sentimentos negativos. Eu acho que encarar essas coisas com bom humor. [MS3]

Quanto às estratégias coletivas, sair com os colegas e a própria convivência em confraternizações foram as estratégias mais recorrentes apresentadas pelos entrevistados. Para Dejours (1999, *apud* BOUYER, 2010, p. 251), “o sofrimento pertence à ordem do singular; o sofrimento coletivo é inconcebível, já que não existe, porém podem ser observadas estratégias coletivas de defesa fundadas em uma cooperação entre sujeitos, mesmo que o sofrimento permaneça sempre individual e único”.

[...] compartilho com todo mundo de uma vez que é por meio das redes sociais. E aí, essa forma de externalizar, para mim, foi sempre positiva. [...] Os momentos que a gente fala mais, se solta mais em grupo é quando a gente ia pra um barzinho conversar, aí a gente acabava debatendo mais essas coisas, acabava falando mais sobre nossos professores, orientadores, sobre nossos colegas de sala que pareciam mais alheios, sobre os colegas de sala que são mais próximos. [MS3]

[...] algo que percebi bem recorrente ali é conversar. A gente se juntar pra conversar e externalizar as frustrações, as tristezas com relação ao curso. [MS5]

Quando o sofrimento está presente no trabalho do indivíduo, sabe-se que ele tende a afetar a saúde mental deste e, quando esse sofrimento persiste e não é transformado, ele tende a ser extrapolado para problemas físicos. Em relação à saúde, os

entrevistados relataram algumas situações nas quais sentiram a saúde afetada:

[...] um seminário que eu tava até tranquila antes, mas, na hora que o professor chegou eu fiquei tão... eu não conseguia nem falar [...] eu lembro perfeitamente de tudo que aconteceu naquele dia. Inclusive da minha respiração e da fala, aquela agonia que eu não sabia se eu respirava, se eu falava, se eu passava mal.[...] também que nesse dia eu tremi, que eu ainda não tinha tremido foi na prova de X, a primeira prova que não tinha nada de apresentação, mas, quando eu peguei no lápis, eu nunca me vi naquela situação, eu tava assim ó [fez o gesto da mão tremendo] tremendo, tremendo muito. [MS1]

Ansiedade, muita ansiedade [...]. Meche com o físico também. Acaba externalizando no corpo, acaba sentindo algumas coisas, refluxo. [MS5]

Percebe-se, a partir da interpretação das falas dos entrevistados, que os alunos do mestrado acadêmico, aqui entrevistados, vivenciam a dialética entre os sentimentos de prazer e os de sofrimento. Tendo em vista que, ao mesmo tempo em que relatam sentimentos como angústia e medo, típicos do sofrimento, falam também da boa relação com os pares e da alegria de reconhecerem o quanto o mestrado já contribuiu para as suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar as percepções de mestrados de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), localizada em João Pessoa, na Paraíba, em relação às vivências de prazer e sofrimento durante o primeiro ano de curso. Os resultados indicam uma relação dialética, em que a mesma

vivência (cursar o mestrado), envolve tanto prazer como sofrimento.

Em relação ao contexto do trabalho, os alunos relatam um aumento da carga psíquica. Mencionou-se que a entrada no mestrado foi traumática e sufocante, havendo a necessidade de sacrificar, inclusive, a convivência com a família e amigos. Dessa forma, constatou-se a diminuição da liberdade de organização do trabalho. Tal visão em relação ao mestrado parece, em parte, ter ocorrido em função da mudança brusca de exigência observada entre os níveis de graduação e mestrado, gerando nos alunos sentimentos diversos. Enquanto uns demonstraram raiva pelo baixo nível de exigência da graduação, outro colocou que, depois de um ano de mestrado, se sente pronto a gerir uma empresa e considera o fato prazeroso.

Por outro lado, os entrevistados acreditam que a forma de organização do trabalho poderia ser diferente. Eles reconhecem que aprenderam a partir da exigência, mas que também sofreram. Falam em sentimentos de tristeza advindos do esforço nem sempre reconhecido e insistem que teriam aprendido de outra forma, sem necessariamente se sentirem castigados, conforme expressado por um dos entrevistados. Os alunos ainda alegaram que o ritmo intenso afetou as relações sociais e familiares.

Quanto aos sentimentos em relação às atividades os entrevistados apresentaram o prazer relacionado ao orgulho pelo que acreditam já terem conquistado durante o curso. Eles ainda falaram de suas expectativas para com o futuro e estas dizem respeito à emancipação familiar e financeira, possivelmente obtidas com a conclusão do curso.

Observou-se que o relacionamento com os pares tem sido fundamental no

processo. Os mestrandos afirmam que, com seus pares, o relacionamento é prazeroso. Consideram que a turma é unida e que há apoio mútuo.

Em relação ao sofrimento vivenciado pelos alunos, o medo, a ansiedade e a angústia foram relatados como sentimentos que podem, inclusive, levar a desconpensões psicossomáticas. Esses sentimentos são agravados na medida em que os alunos querem corresponder às exigências e, por vezes, se sentem incapazes de fazê-lo.

Apesar de todos esses sentimentos, os alunos têm conseguido transformá-los em um sofrimento criativo, na perspectiva da psicodinâmica. Nesse sentido, os alunos relatam momentos de prazer vividos durante o curso, que remetem às relações sociais com os colegas, ao *feedback* dado por professores e ao sentimento de estar fazendo o melhor.

Quanto aos mecanismos de defesa, os entrevistados relataram a utilização de estratégias individuais e coletivas. Quanto às individuais, a mais prevalente foi a organização sistemática das atividades a serem realizadas. O bom humor também foi relatado como modo de lidar com as pressões do curso.

Quanto às coletivas, sair com os colegas da turma e a própria convivência em confraternizações foram as mais recorrentes, de acordo com as entrevistas. Por fim, em função do sofrimento, problemas como insônia e gastrite foram relatados pelos entrevistados.

A partir desses resultados pode-se concluir que os mestrandos vivem a dialética

prazer/sofrimento nas atividades do mestrado. Esses achados corroboram os de Cupertino e Garcia (2012), que realizaram um estudo com professores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) mineira, localizada em Belo Horizonte. Os autores observaram, a partir dos dados das entrevistas, que prazer e sofrimento no trabalho coexistem no ambiente laboral dos professores e não são excludentes.

Esses resultados também corroboram o estudo desenvolvido por Menezes, Nepomuceno e Batista-dos-Santos (2011), que teve por objetivo compreender os sentidos que um grupo de professores de uma universidade pública federal, localizada no semiárido brasileiro, atribui ao seu trabalho, em tempos de flexibilidade. Os resultados desse estudo (MENEZES; NEPOMUCENO; BATISTA-DOS-SANTOS, 2011) indicaram que a vivência do prazer, no trabalho dos professores, coocorre com o desprazer, sendo semelhantes aos resultados encontrados nesse artigo.

Neste estudo, percebeu-se que a exigência de qualidade e quantidade das atividades desenvolvidas por eles conflitam com o tempo que possuem para desenvolvê-las, fazendo com que se sintam pressionados, o que pode terminar por afetar o funcionamento psíquico. Cumpre destacar que poucas estratégias coletivas de defesa foram citadas e isso deve ter ocorrido em decorrência de a organização do trabalho e de o trabalho intelectual serem algo realizado mais individualmente e presentes no ambiente competitivo do mundo acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AMADO, G.; ENRIQUEZ, E. Psicodinâmica do trabalho e psicossociologia. In: BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. (Org.). **Clínicas do Trabalho**. São Paulo:Atlas, 2011.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** 15. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BORGES, L. O. Os atributos e medidas do significado do trabalho. **Psicologia: teoria e pesquisa**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 211-220, maio/ago. 1997.
- BOUYER, G. Contribuição da psicodinâmica do trabalho para o debate. **Rev. bras. saúde ocup., São Paulo**, v. 35, n. 122, dez. 2010.
- CHANLAT, J. O desafio social da gestão: a contribuição das ciências sociais. In: BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. (Org.). **Clínicas do trabalho**. São Paulo:Atlas, 2011.
- CUPERTINO, V.; GARCIA, F. Prazer e sofrimento na prática docente no ensino superior: estudo de caso em uma IFES mineira. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 39., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.
- DAL ROSSO, S. Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, mar. 2006.
- DEJOURS, C. A Carga Psíquica do Trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. et al. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo:Atlas, 2012a.
- DEJOURS, C. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. et al. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo:Atlas, 2012b.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo:Atlas, 2012.
- DEJOURS, C. **A Loucura do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, Oboré, 1992.
- GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRADELLA JÚNIOR, O. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-148, 2010.
- MENDES, A. R. (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MENDES, L.; CHAVES, C. J. A.; SANTOS, M. C.; MELLO NETO, G. A Dialética Prazer/Desprazer no Trabalho: Vivências de Significado e Sofrimento no Trabalho de Professor Universitário. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.
- MENEZES, L.; NEPOMUCENO, L.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. Os sentidos do trabalho para um grupo de professores de uma universidade pública. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38., 2011. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.
- MORIN, E. Os sentidos do trabalho. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, EA-ESP/FGV, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.
- MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, 2007. **Número especial**.
- SELIGMANN-SILVA, E. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho: marcos de um percurso. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. et al. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2012.
- SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2011.
- TOWERS, I.; DUXBURY, L.; HIGGINS, C.; THOMAS, J. Time thieves and space invaders. **Journal of Organizational Change Management**, [S. l.], v. 19, n. 5, 2006.
- VERONESE, M.; ESTEVES, E. Identidade. In: CATTANI, A. D. et al. **Dicionário internacional de outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009.
- VIANA, E. A. de S.; MACHADO, M. N. da M. Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. **Psicol. Soc.**, [S. l.], v. 23, n. 1, abr. 2011.
- VILELA, E.; GARCIA, F.; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.